

FATORES DETERMINANTES DA EXPANSÃO DO IRÃ EM DIREÇÃO À ÁFRICA: ESTUDO DE CASO DA NIGÉRIA, SENEGAL E GANA

Nazrin Alizada¹

Damla Kocatepe²

Introdução

O conceito de “Terceiro Mundo”, cunhado por Alfred Sauvy durante a Guerra Fria, inicialmente definia neutralidade ideológica e uma orientação não sistêmica, mas, com o tempo, tornou-se sinônimo de atraso econômico. O continente africano, como uma das regiões onde essa transformação se reflete mais claramente, tornou-se um ponto focal para os esforços de potências estrangeiras em obter influência por meios religiosos, culturais e econômicos. Em consonância com a política externa moldada após a Revolução Islâmica, o Irã aprofundou suas relações com esse continente utilizando valores religiosos como instrumento de política externa na África. Nesse contexto, o Irã utiliza o xiismo como ferramenta cultural e ideológica, buscando construir uma “solidariedade anti-imperialista” por meio de sua identidade religiosa.

A presença do Irã na África não é puramente cultural ou humanitária; pelo contrário, foi moldada como parte de uma estratégia de política externa ideologicamente fundamentada. Essa estratégia instrumentaliza o xiismo por meio do expansionismo sectário e visa criar blocos antiocidentais e equilibrar a influência de atores como os EUA, Israel e Arábia Saudita na região. A ampliação da política do país, baseada na religião e na cultura, em interação com diferentes estruturas sociorreligiosas na África, tem o potencial de gerar uma ruptura significativa nos equilíbrios geopolíticos do continente. Nessa

1 Universidade Hatay Mustafa Kemal, Hatay, Turquia. E-mail: nazrin.alizada@mku.edu.tr . ORCID: 0000-0002-6874-7712 .

2 Universidade Kafkas, Kars, Turquia. E-mail: dml.sahinn@gmail.com ORCID: 0000-0002-1564-3995.

perspectiva, a principal hipótese deste artigo é que o Irã adota uma estratégia de *soft power* na África por meio do discurso religioso e da identidade sectária, e que constrói essa estratégia para legitimar seu discurso antiocidental em nível global e evitar sanções ocidentais, por um lado, e para obter influência política de longo prazo no continente africano, por outro.

Além disso, neste estudo optou-se pelo método de estudo de caso, utilizando Nigéria, Senegal e Gana como exemplos, e o processo de análise foi estruturado de acordo com essa metodologia. A escolha desses três países africanos baseou-se na predominância da população xiita nesses países. Isso porque, enquanto a Nigéria é o país africano com o maior número de muçulmanos xiitas, a densidade xiita no Senegal é média e a de Gana, a mais baixa. Por essa razão, o escopo e as limitações do estudo foram determinados pelos instrumentos socioculturais da política de expansão do Irã, especialmente religião e educação, e a área de aplicação foi delimitada a esses três países africanos.

A literatura acadêmica sobre a política do Irã para a África tem tido um aumento notável nos últimos anos, tanto em qualidade quanto em quantidade. Essa literatura analisa os engajamentos estratégicos do Irã, seus instrumentos religiosos e econômicos, as rivalidades regionais e as estratégias de *soft power* no continente a partir de uma perspectiva multidimensional. Países como África do Sul, Nigéria e Tanzânia têm figurado com destaque nas análises da ampliação estratégica da política do Irã na África Subsaariana (Kohnert 2024; Lefebvre 2019; Lob 2016). Os engajamentos conduzidos por meio desses países são considerados parte da busca do Irã por legitimidade em nível global, além de seus esforços para estabelecer relações bilaterais. As relações comerciais Irã-África são analisadas principalmente no âmbito da cooperação Sul-Sul e das teorias de dependência econômica (Lob e Yilmazkuday 2025). Esses estudos mostram que o Irã posiciona a África como uma alternativa estratégica, especialmente em um ambiente econômico moldado por sanções. De forma semelhante, pesquisadores iranianos também enfatizam a necessidade de desenvolver relações econômicas com a África e a importância da energia, infraestrutura e comércio nesse contexto (Asgar Khani e Arghavani Pirsalami 2011). Do ponto de vista da segurança, o engajamento do Irã na África não se limita à economia; ele também reflete a rivalidade regional. As ramificações da rivalidade Irã-Israel no Mar Vermelho e na África Oriental são examinadas dentro dessa estrutura (Bazoobandi e Talebian 2024). A base das estratégias de *soft power* do Irã na África é a diplomacia religiosa e a identidade sectária (Karaoglu 2022; Rigiderakhshan 2022). Além disso, as tentativas do Irã de reconstruir sua imagem na opinião pública africana também são avaliadas dentro da estrutura da diplomacia cultural e dos conceitos de “*smart*

security” (Karami 2024). Historicamente, a era Ahmadinejad (2005-2013) é vista como um ponto de virada na política do Irã em relação à África, com um aumento nas visitas diplomáticas e nos acordos de cooperação durante esse período (Şeker 2017). Este estudo, por outro lado, visa contribuir para a literatura analisando a política iraniana para a África sob uma perspectiva histórica, religiosa, econômica e estratégica combinadas, utilizando três países selecionados como focos da análise: Senegal, Nigéria e Gana. Portanto, uma vez que os esforços do Irã em expandir não foram analisados simultaneamente no contexto desses três países, este estudo busca preencher essa lacuna na literatura.

Este artigo é composto por quatro partes principais. Na primeira parte, o desenvolvimento histórico do conceito de Terceiro Mundo/subdesenvolvimento e a abordagem do Irã a esse conceito serão discutidos em um arcabouço teórico. Na segunda parte, o contexto histórico das relações Irã-África será analisado e as diferenças nas políticas africanas dos políticos que chegaram ao poder após a revolução serão reveladas. Na terceira parte, os contextos geopolítico, econômico e religioso da relevância da África na política externa iraniana serão avaliados. Na última parte, o uso de elementos de *soft power* pelo Irã será explicado por meio de estudos de caso da Nigéria, Senegal e Gana. Essa estrutura visa fornecer uma análise abrangente, combinando as dimensões teórica e prática da pesquisa.

Quadro teórico

O termo “Terceiro Mundo” é usado por muitos para se referir a países em desenvolvimento, como os Estados pobres da África, Ásia, América Latina e Oceania. Mas, quando o termo foi cunhado na década de 1950, não havia nenhuma ligação com a pobreza. Em sua teoria dos “Três Mundos”, o acadêmico e figura pública francesa Alfred Sauvy, que a explicou em 1952, enfatizou o *Tiers État* (Terceiro Estado) da sociedade francesa antes da Revolução de 1789, que naquela época era composto por pessoas que não possuíam privilégios, e então categorizou os países do mundo de acordo com sua participação na Guerra Fria (Sofjan 2023).

Assim, os países do Primeiro Mundo eram os países capitalistas, o Segundo Mundo era representado pelo bloco socialista e o Terceiro Mundo pelos Estados-nação que não participavam diretamente do conflito entre os blocos. Isso significa que essa teoria fazia parte do modelo dos Três Mundos utilizado durante a Guerra Fria, e da marginalização daqueles considerados irrelevantes. Portanto, na época, o termo Terceiro Mundo era simplesmente

usado para se referir a um país que não era considerado capitalista nem comunista. Em outras palavras, nesses anos, Terceiro Mundo também era um termo genérico para países que haviam acabado de emergir do isolamento social e ainda não haviam concluído seu desenvolvimento. Ao longo dos anos, o termo “Terceiro Mundo” perdeu seu significado original e passou a ser usado para descrever países que vivenciam níveis significativos de subdesenvolvimento econômico. Desse ponto de vista, seria apropriado discutir brevemente o subdesenvolvimento.

Ser subdesenvolvido não significa, necessariamente, a ausência de progresso. O subdesenvolvimento, conceito que evidencia a desigualdade, foi explicado por Rodney ao relacioná-lo à maior produtividade de um determinado segmento da sociedade (Rodney 2011, 13-14). Assim, o subdesenvolvimento é uma ferramenta para desenvolver uma perspectiva crítica sobre as condições que levam ao desequilíbrio em um ambiente de produção positivo e negativo. O subdesenvolvimento, portanto, busca explicar situações que enfatizam contingências históricas, sociopolíticas e econômicas que conferem a um país ou região uma vantagem injusta sobre outro. Exemplos particularmente concretos desse conceito, diretamente relacionado a países do Terceiro Mundo, podem ser encontrados no continente africano (Maoism.ru 2018).

Sob a influência de ideais religiosos, o Irã embarcou em uma mudança drástica em sua política externa após a Revolução Islâmica, preferindo desenvolver relações com países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo que visam desafiar a ordem estabelecida e o status quo. Esses desdobramentos ganharam destaque na retórica dos líderes, especialmente durante a era Ahmadinejad, com um foco maior nos países do Terceiro Mundo (Arghavani Pirsalami 2013, 83), e, durante a administração Raisi, isso se concretizou por meio de contatos diplomáticos. Com base na teoria do Terceiro Mundo, o Irã tentou fortalecer seus laços com os países da região, especialmente utilizando o fator linguístico entre os valores socioculturais e o xiismo controlado entre os fenômenos religiosos como ferramenta política.

Utilizando o método sociocultural, o Irã busca disseminar seu patrimônio cultural entre os países africanos, assegurar o aprendizado de seu idioma e, principalmente, dialogar com eles de acordo com sua própria estratégia. Nesse contexto, o Irã pode persuadir países considerados de Terceiro Mundo a uma abertura estratégica, por meio de centros culturais iranianos, da oferta de ensino de idiomas em escolas africanas, da concessão de bolsas de estudo a estudantes africanos e da oferta de oportunidades de ensino em universidades iranianas (Abdullah 2016). Nesse eixo, pode-se afirmar que a posição do Irã é forte na Nigéria e em Camarões, na África Ocidental, em Uganda, na África Oriental, e em alguns países da África Austral, por meio

das seguintes formas de apoio:

- Embaixadas
- Centros Culturais Iranianos
- Centros de Língua Iraniana
- Guarda Revolucionária
- Instituições que operam em diferentes campos (Sadeghi e Hajimineh 2019, 223).

Além disso, a presença cultural do Irã na África se manifesta principalmente na África Ocidental e, em menor medida, na África Oriental e Austral. Considerando países dessas regiões, o Partido do Movimento Islâmico da Nigéria, liderado por Ibrahim al-Zakzaky, desempenha um papel fundamental na disseminação da cultura iraniana, especialmente na Nigéria (Lewis 2020, 3). Ao mesmo tempo, no âmbito da estratégia implementada pelos Centros Culturais Iranianos que atuam no país, a cooperação com canais de televisão nigerianos facilitou a influência em outros países africanos. Como resultado da cooperação dos Centros Culturais Iranianos com o canal de televisão *Al-Africa Islam* da Nigéria, um concurso de recitação do Alcorão, transmitido pela primeira vez na Nigéria, foi organizado também em outros 19 países africanos (AhlulBeyt News Agency 2016).

Além disso, o Irã está tentando atrair pessoas para o seu lado abrindo centros de idiomas em muitos países africanos e ensinando valores islâmicos e a língua persa. Um exemplo disso pode ser citado no Senegal. Durante o encontro oficial entre o embaixador do Irã no Senegal, Einollah Gasgavi, e o Ministro da Educação Superior e Pesquisa do Senegal, em Dakar, o Irã propôs a ideia de criar um curso de língua persa em instituições de ensino superior senegalesas. Autoridades senegalesas também expressaram apoio à ideia e afirmaram acreditar que a concretização dessa proposta, considerando os pontos em comum, afetará positivamente as relações Irã-Senegal (Ministry of Education 2016).

Aproveitando-se do fator linguístico e da disfuncionalidade dos canais de radiodifusão no contexto dos valores socioculturais, o Irã segue o modelo do canal pró-iraniano Hispan TV, que transmite em espanhol (Bouvier, 2024). Assim, em 2017, lançou o canal “Hausa TV” (Mehr News Agency 2017), transmitido para mais de 50 milhões de falantes de hausa, especialmente na Nigéria, Senegal, Gana e outros países africanos. Apesar de ser produzido em um idioma africano amplamente falado, o programa demonstra pouco interesse em assuntos africanos, concentrando-se, em vez disso, no desafio do “Eixo da Resistência” contra Israel e no papel do islamismo xiita na África.

Por outro lado, ao tentar transformar o xiismo em uma ferramenta

política sob seu controle, esse Estado aproveitou-se do fato de que os xiitas já eram oprimidos pela maioria muçulmana sunita e que os africanos estavam mais inclinados à defesa religiosa do que a seus interesses fundamentais. Mesmo os principais países ocidentais estão cientes desse fato e perceberam que não podem agir sem o eixo da fé no cálculo político na África. Assim, eles sentem certo desconforto com a instrumentalização do Islã. Mas também devem se abster de qualquer ação que possa provocar a ira da comunidade muçulmana, que agora é uma força motriz substancial em muitos países africanos (Camara 2021). E isso impõe limitações às suas atividades na região. Percebendo isso, o Irã utiliza o fator religioso de forma mais eficaz para criar uma frente antiocidental composta por Estados africanos e para estabelecer parcerias que fortaleçam sua posição dentro do “Eixo da Resistência”. Nesse sentido, o Irã se aproveita de dois elementos nas regiões onde tem interesse em transformar o xiismo no ramo dominante.

A primeira dessas estratégias é o uso da *Taqiyya* para *Ahl al-Bait*, ao ocultar suas identidades (Demir 2018). A segunda é a implementação de projetos de desenvolvimento e ajuda humanitária para conquistar os corações e as mentes das pessoas, assim como fizeram os missionários cristãos em países pobres (Awad 2019, 1). O Irã utiliza o segundo elemento com mais eficácia em suas atividades de política externa no continente africano. Embora os países que ali se estabeleceram possuam grande riqueza, eles são igualmente despreparados e financeiramente insuficientes para colocá-la em prática.

Contexto histórico das relações Irã-África

Embora o continente africano não fosse uma região que desse atenção especial à política externa iraniana, emergiu como uma região onde o Irã tem tentado expandir sua esfera de influência desde o século XXI. De fato, as raízes das relações entre o Irã e o continente africano remontam à antiguidade. Ao analisarmos a história, observamos que a cooperação para fins comerciais ganhou destaque nas relações que se iniciaram no período imperial. Pessoas de origem persa imigraram para a África Oriental no século XVI e, durante o período Pahlavi, as relações econômicas se desenvolveram principalmente com os países da África Austral (Chimarizeni 2017, 39). Essencialmente, Reza Shah Pahlavi permaneceu exilado na África do Sul de 1941 a 1946, e as relações bilaterais foram mantidas durante o reinado de seu filho, Mohammed Reza Pahlavi (Fakude 2016, 4). No entanto, as relações bilaterais foram tentadas em diferentes períodos. Após a Revolução Islâmica, o Irã rompeu todos os

laços com a África do Sul do apartheid e começou a impor sanções, relegando a África a um segundo plano na política externa iraniana. Somente no final do século XX, o rumo das relações internacionais começou a mudar e, após o colapso do regime do apartheid, o Irã voltou a priorizar suas relações com o continente africano. Nesse eixo, as relações econômicas começaram a evoluir, e a África do Sul passou a importar entre 65% e 90% de suas necessidades de petróleo do Irã (Onderco 2016, 256).

Paralelamente a isso, o atual líder religioso Ali Khamenei, que foi presidente durante o reinado do Aiatolá Khomeini, visitou países africanos, incluindo Moçambique, Zimbábue e Angola, em 1986 (Keynoush 2021, 35), e firmou diversos acordos, especialmente sobre o desenvolvimento de infraestrutura. Contudo, o interesse do Irã pela África diminuiu durante o governo de Hashemi Rafsanjani, eleito presidente após a morte de Khomeini. Isso porque, nesse período, Rafsanjani visitou o Senegal apenas em 1991. Assim como durante o governo de Rafsanjani, o interesse pela África diminuiu relativamente durante o período de Mohammed Khatami, que assumiu a presidência após Rafsanjani. Especialmente durante o período de Khatami, considerado a nova era da política externa do Irã (Kaya e Şartepe 2016, 4), o discurso de exportação da revolução foi deixado de lado, à medida que o Irã se concentrava em suavizar suas relações com o Ocidente.

O fato de a África ter recebido a atenção que merecia na política iraniana começou com o governo de Mahmoud Ahmadinejad, eleito presidente em 2005. Ahmadinejad procurou manter as relações com a África no mais alto nível, adotando o discurso do “eixo da resistência” formulado por Ali Khamenei. Nesse contexto, Mahmoud Ahmadinejad, em um discurso em Nova York, enfatizou que “o Irã não tem quaisquer limitações ou obstáculos ao desenvolvimento de seus laços com os países africanos” (Warner 2011, tradução nossa³) e expressou que o Irã estava disposto a ampliar e fortalecer suas relações com a África em 2008. Além disso, especialmente os países da África Austral, posicionaram-se a favor do desenvolvimento das relações econômicas com o Irã, e o atendimento às necessidades econômicas internas desempenhou um papel fundamental nesse processo. Embora tenha havido um declínio no curso das relações com a África durante o período de Hassan Rouhani, que assumiu a presidência após Ahmadinejad, ele sublinhou que não existem barreiras ao desenvolvimento das relações bilaterais entre os países africanos e o Irã, no encontro realizado com o Rei do Lesoto e o Presidente do Zimbábue em 2017 (Middle East Monitor 2016).

3 No original: “Iran does not have any limitations or obstacles to the development of its ties with African countries” (Warner 2011).

As reuniões oficiais entre o Irã e os estados africanos não terminaram e, em outubro de 2017, o presidente da Tanzânia se encontrou com Rouhani durante sua visita ao Irã. Ao enfatizar a cooperação econômica entre os dois países, o presidente da Tanzânia mencionou que “a Tanzânia desempenha um papel de país de trânsito para o Irã, proporcionando acesso à África Oriental” (Tasnimnews 2017, tradução nossa⁴). Diante disso, Rouhani afirmou que “empresas iranianas estão prontas para participar de projetos de desenvolvimento em toda a África, incluindo na Tanzânia” (ISNA 2017, tradução nossa⁵). Essas visitas oficiais eram realizadas regularmente entre as partes, e isso é aceito como prova de que a África não perdeu sua importância na política externa do Irã; pelo contrário, buscou-se aumentar sua proeminência. Isso é corroborado pela declaração do presidente Ebrahim Raisi, que assumiu o cargo em 2021. Ao enfatizar a necessidade de expandir as relações com países não ocidentais, Raisi destacou que a África desempenharia um papel central nesse eixo e sinalizou que o Irã ativaria seriamente todas as suas capacidades para cooperar com os países africanos (Naeni 2021). Dando um passo que não era dado há 11 anos, Raisi visitou três países africanos (Quênia, Uganda e Zimbábue) em julho de 2023. Durante essa visita, foram assinados 21 acordos em diversas áreas, incluindo petróleo, telecomunicações e tecnologias da informação, e o continente africano foi visto como uma importante região, cheia de oportunidades (Naeni 2023). Durante o mandato de Raisi, o Irã buscou aumentar suas relações comerciais e econômicas com a África para enfraquecer a influência ocidental e mitigar as sanções impostas pelo Ocidente (Karr et al. 2024). Masoud Pezeshkian, que assumiu o cargo em julho de 2024, expressou seu desejo de fortalecer as relações com os países africanos em sua mensagem intitulada “Minha Mensagem para o Novo Mundo”, utilizando o termo “Sul Global” (Daressalam 2024). Espera-se que as relações energéticas, econômicas e comerciais iniciadas com muitos países africanos durante a presidência de Raisi continuem sob o governo de Pezeshkian (Movahed 2025), que busca abrir uma nova janela diplomática com o Ocidente (Slavin 2024). A Terceira Conferência Irã-África sobre Cooperação Econômica, realizada em abril de 2025 em Teerã, com a participação do presidente Pezeshkian, é um sinal visível disso. A conferência contou com a presença de mais de 20 ministros, 14 vice-ministros e altos funcionários de diversos países do continente africano (Etemad Online 2025).

4 No original: “*Tanzania plays a transit country role for Iran in providing access to East Africa*” (Tasnimnews 2017).

5 No original: “*Iranian companies are ready to enter development projects covering the whole of Africa, including Tanzania*” (ISNA 2017).

A importância da África na política externa iraniana

Ao pesquisar a estratégia externa do Irã, seria apropriado, em primeiro lugar, focar nas prioridades ou metas determinadas por este país no âmbito de sua política externa. Nesse eixo, os objetivos adotados pelo Irã são os seguintes (Clawson 1994, 42):

- Ser autossuficiente nas áreas da economia, da política e das forças armadas;
- Tirar proveito da política de dissuasão, eliminando os elementos que representem um risco para o Irã;
- Direcionar a atenção para questões externas em vez de internas, em consonância com o sucesso da revolução;
- Assumir efetivamente o controle de regiões onde possui interesses próprios (por exemplo, a África);
- Consolidar o Irã como uma potência regional, através da concretização desses objetivos.

No contexto dos objetivos, a importância que o Irã atribui à África deve ser categorizada em quatro tópicos principais. Isso inclui questões como a satisfação de necessidades nas esferas econômica, política, militar e religiosa. Analisando mais detalhadamente, é possível listá-las da seguinte forma:

Dimensão Econômica

O Irã busca capitalizar os recursos naturais da África investindo na exploração de reservas de urânio. O país visa obter ganhos significativos destacando o potencial africano e alocando recursos financeiros (Shahvar 2020, 60) para dar suporte a empresas iranianas em projetos como gasodutos, telecomunicações, construção de barragens e produção de silagem. Além disso, a África, com suas abundantes matérias-primas para a produção alimentar e industrial, oferece um mercado lucrativo para os produtos iranianos (African Natural Resources Center 2016, 4).

Engajamento político

O Irã busca consolidar sua influência na África, assegurando o apoio tanto de Estados africanos quanto de corporações multinacionais que operam no continente. Contudo, o Irã enfrenta a oposição de Israel,

que busca manter o controle sobre suas atividades na região. Outro motivo fundamental para o interesse iraniano na África é o desejo de obter apoio de diversos países africanos na resistência às sanções impostas pelos EUA e pelos países ocidentais devido ao seu programa nuclear (Chimarizeni 2017, 38). O Irã obteve com sucesso esse apoio de nações africanas como o Gabão, que, apesar de se comportar como um observador nas Nações Unidas, se opôs às sanções contra o Irã. Além disso, o Irã utilizou suas reservas energéticas como instrumento político, oferecendo petróleo a nações africanas com preços subsidiados em troca de apoio político. O Quênia, por exemplo, também apoiou o Irã, motivado por suas próprias ambições de desenvolver uma usina nuclear na próxima década (McAnenny 2014). Nesse contexto, o Quênia busca se beneficiar da expertise iraniana para alcançar esse objetivo.

Objetivos Estratégicos

Para avançar suas ambições estratégicas na região, o Irã visa estabelecer bases militares na África. No entanto, essa ambição enfrenta diversos desafios. Para fortalecer sua influência, o Irã está estreitando seus laços com a Eritreia, utilizando petroleiros e navios de guerra iranianos e aumentando sua presença naval em portos eritreus como Massawa e Assab (Stratfor.com 2012). As forças de oposição eritreias expressaram preocupação com a possibilidade de o Irã estar estabelecendo uma base naval no Estreito de Bab-el-Mandeb. Em resposta, o Irã esclareceu que sua presença na região está ligada a potenciais necessidades de defesa em caso de futuras ameaças. Além disso, o Irã também estaria utilizando outros países africanos, como Somália e Djibuti, para atividades ilícitas (Calabrese 2020). O país utiliza rotas terrestres na África Oriental, que facilitam o contrabando de armas, para transportar armamentos ilegais para nações-alvo. Simultaneamente, essas rotas ajudam o Irã a contornar as ações israelenses e permitem o retorno de mercadorias contrabandeadas para o Irã (Mari 2017, 61).

Fatores religiosos

A população predominantemente muçulmana da África — composta por sunitas e comunidades xiitas significativas em países como Nigéria, Senegal, Gana, Uganda, Mali e Tanzânia — torna o continente estrategicamente importante para o Irã (Shahvar 2020, 60). Embora a grande maioria dos muçulmanos africanos seja sunita, a presença do xiismo também é notável. Dada a disputa entre o Irã e os Estados liderados por sunitas na

região, essa perspectiva religiosa é um dos fatores que tornam a África atraente para o Irã. Sob a liderança da Arábia Saudita, os países de maioria sunita na África adotaram uma versão do Islã centrada na Arábia Saudita, que se opõe à abordagem iraniana (AlSaied 2021). O Irã, portanto, busca fortalecer sua influência entre os segmentos xiitas na África, alavancando laços religiosos para angariar apoio.

Conforme descrito, a África possui importância estratégica para o Irã por diversos motivos. Para tirar proveito disso, o Irã está conduzindo uma manobra política para garantir seus interesses no continente. Especificamente, o Irã está trabalhando para estabelecer uma posição favorável antes que uma oposição liderada por sunitas possa surgir. Sua estratégia se desenrola em três fases:

- **Primeira fase:** Desenvolvimento de relações bilaterais com países africanos.
- **Segunda fase:** Promoção do conceito de diálogo entre civilizações divergentes.
- **Terceira Fase:** Fortalecimento da cooperação para remover os Estados do chamado “eixo do mal” da liderança dos EUA.

Essas fases estão alinhadas com a estratégia mais ampla de soft power do Irã, que visa ampliar sua influência em diversas regiões, incluindo a África. Para atingir seus objetivos, o Irã emprega vários métodos, e um exame abrangente dessas estratégias é necessário para compreender o alcance total de sua abordagem no continente africano.

Aplicações de estudo de caso

Considerando os muçulmanos na África em geral, pode-se afirmar que esta região possui uma forte presença muçulmana. A maioria deles reside na Nigéria, Senegal, Tanzânia, Congo e Gana. Para uma melhor compreensão, consulte a tabela abaixo para obter dados numéricos mais detalhados.

Tabela 1: Número de muçulmanos/xiitas na África⁶

País	Número total de muçulmanos	Número total de xiitas
Nigéria	104.700.000	3.000.000-7.000.000
Senegal	15.500.000	1.000.000

6 A tabela foi criada pelos autores com base em informações coletadas de diferentes fontes e utilizadas no artigo..

País	Número total de muçulmanos	Número total de xiitas
Gana	1.900.000	menos de 1.000.000

Como se pode observar na tabela, a frequência de assentamento da população muçulmana na África varia de país para país. Por essa razão, o Irã busca consolidar sua presença expandindo-se para regiões com maior concentração de muçulmanos e onde a população xiita representa uma minoria em relação à população sunita, de diferentes maneiras. Nesse contexto, vale a pena examinar em detalhes a utilização desse método religioso pelo Irã em três países principais: Nigéria, que possui a maior população muçulmana; Senegal, que se encontra em uma posição intermediária no ranking populacional; e Gana, que se destaca por ter uma população xiita muito abaixo da média.

Nigéria

A Nigéria, o país mais populoso da África, abriga muitas religiões, sendo o islamismo e o cristianismo as mais amplamente aceitas. Dentre essas religiões, a chegada do islamismo à Nigéria merece destaque. Isso se deve às suas raízes antigas. Os primeiros muçulmanos a chegarem à Nigéria, no século IX, foram os egípcios. A religião se espalhou por todo o país por meio dos muçulmanos Fulani, que migraram para a Nigéria após a queda do antigo reino Songhai, no século XV (Njoku, 1995). No entanto, no século XX, especialmente após a independência da Nigéria em 1960, um programa de islamização se disseminou pelo país. Graças a esse programa, 100 mil pessoas se converteram ao islamismo (African Studies Centre Leiden, 2016), e a importância da religião na Nigéria aumentou ainda mais. Além disso, é importante ressaltar que a comunidade muçulmana na Nigéria também se divide em duas vertentes. Embora quase 60 milhões de muçulmanos que vivem na região pertençam ao ramo sunita, não há informações estatísticas claras sobre o número de pessoas da corrente xiita. Algumas fontes afirmam que existem 4 milhões de muçulmanos xiitas na Nigéria, e, segundo outras, o número se aproxima de 10 milhões (Szrom 2010). Como não há números precisos, os muçulmanos xiitas são considerados uma minoria na região. Por esse motivo, o Irã está tentando ser mais ativo nessa região, para que os xiitas deixem de ser uma minoria. Nesse sentido, o Irã planeja atrair a parcela sunita da região para o seu lado. Recorreu a diferentes estratégias para alcançar esse objetivo, e o Partido do Movimento Islâmico da Nigéria facilitou sua atuação nesse campo (Elijah et al. 2021, 6). Esse partido busca tornar o Islã a religião

dominante em todo o país.

Ao analisar brevemente a história do Partido do Movimento Islâmico da Nigéria, é importante examinar os problemas enfrentados pelo país na década de 1970 (Onapajo 2017, 82-83). De fato, a tensão entre muçulmanos e cristãos residentes na Nigéria, bem como entre diversos segmentos muçulmanos, começou a aumentar gradualmente durante esses anos, e a Nigéria se tornou um país onde grupos islamistas estavam em conflito. A partir do final da década de 1970, alguns muçulmanos nigerianos começaram a defender a islamização da vida pública com mais veemência do que nas duas décadas anteriores (Thurston 2017). Nesse sentido, sob a liderança de Ibrahim al-Zakzaky, o Partido do Movimento Islâmico tornou-se mais ativo a partir da década de 1980. O principal motivo para isso foi a Revolução Islâmica Iraniana de 1979.

Inspirado pela revolução iraniana, al-Zakzaky, que é sunita, desejava a derrubada do governo da Nigéria da mesma forma e o estabelecimento de um sistema baseado na lei islâmica. De fato, ele se apresentava como muçulmano xiita em seus sermões no norte da Nigéria nas décadas de 1980 e 1990 (Soonest 2019). Portanto, o Irã apoiou o Partido do Movimento Islâmico da Nigéria, conhecido como partido jihadista, e por meio deste partido, forneceu treinamento militar a centenas de nigerianos em campos no norte da Nigéria, como no campo do Hezbollah (Schoonover 2013). A maior área de atuação deste partido é no norte da Nigéria. Com o apoio do Irã, embora este partido queira transformar o xiismo na seita dominante na Nigéria, o número de apoiadores anti-xiitas está aumentando no país. Este segmento, que se autodenomina anti-xiita, é um movimento salafista. Eles são geralmente representantes do islamismo sunita ao redor do mundo e consideram o xiismo inadequado para o Islã.

Nesse eixo, os salafistas nigerianos acusam os xiitas de negarem a completude do Alcorão, enquanto os xiitas afirmam que os salafistas nigerianos estão mais próximos dos wahabitas. O surgimento de conflitos de opinião devido a acusações mútuas entre diferentes seitas causou uma guerra civil na Nigéria. E isso é do interesse do Irã. Tomando isso como base e em nome do fim da discriminação contra os muçulmanos xiitas, o Irã expandiu facilmente sua esfera de influência na Nigéria. Para isso, o melhor método é atrair os muçulmanos sunitas para o seu lado, o que se tenta realizar por meio das instituições xiitas planejadas. Para o estabelecimento de tais instituições, o Irã quer criar a Rede Institucional de Xiitas na África. O primeiro passo em direção a esse objetivo foi dado em 10 de agosto de 2016. O secretário-geral Abu Jaafar tomou iniciativas como o estabelecimento da “União Africana *Ahl al-Bait*”, que se tornará a referência dos xiitas africanos e destacará os valores

da paz entre as sociedades em todo o continente (Yaymout 2016).

O uso ativo da religião pelo Irã na Nigéria deve-se principalmente a este motivo: antes da década de 1990, a maioria dos estudiosos islâmicos na Nigéria desconhecia as crenças básicas do xiismo. Isso porque a maioria dos estudiosos religiosos, especialmente no norte da Nigéria, utilizava o *Tafsir al-Jalalayn*⁷. Consequentemente, os xiitas não dispunham de fontes de informação adequadas para manter vivas suas crenças religiosas. Nessa situação, a disseminação do xiismo na região não era possível. Portanto, os iranianos aproveitaram-se da falta de conhecimento dos estudiosos islâmicos na Nigéria e na maior parte da África Ocidental, onde os estudiosos se limitavam aos livros da escola de pensamento Maliki (Muhammed e Abdullahi 2019, 37-38).

Como se pode depreender do exposto acima, o Irã tem a vantagem da religião, que pode ser usada como ferramenta política na estratégia que sucede. Portanto, pode se apresentar em todas as regiões onde o Irã tem interesses, como protetor dos direitos dos muçulmanos. Em suma, o Irã utiliza ativamente o método religioso (xiismo), que possui um amplo espectro, na Nigéria. Para isso, não faz grandes esforços. O Irã consegue tudo isso utilizando os xiitas nigerianos, ou seja, aproveitando-se do poder interno do país.

Senegal

As relações econômicas entre o Irã e o Senegal remontam ao período de Reza Shah Pahlavi, e buscou-se mantê-las durante a Guerra Fria. Contudo, devido a sua atuação política no continente africano, o Irã necessitou romper relações com países africanos. Assim, a Embaixada do Irã no Senegal foi fechada em 1984 por supostamente incitar propaganda islâmica, retomando suas atividades em 1990 (Leichtman 2009, 324). Após esse período, as relações bilaterais avançaram consideravelmente, impulsionadas pelas mudanças políticas no cenário internacional desde o século XXI. Além disso, o Irã reformulou sua doutrina de política externa e passou a priorizar o desenvolvimento das relações bilaterais com os países africanos. Desde a era Ahmadinejad, o governo senegalês não se mostrou indiferente à priorização da questão africana pelo Irã em sua política externa (Szrom 2010). A instalação de uma refinaria de petróleo e uma fábrica de produtos químicos no Senegal, bem como a fábrica de automóveis Khodro, e a produção de grandes quantidades de petróleo barato graças ao Irã podem ser citadas como

7 N.T. Uma das obras de Tafsir (interpretação corânica) mais clássicas e difundidas dentro do ramo muçulmano sunita.

exemplos dessa ação. Em consequência disso, o presidente Abdoulaye Wade viajou a Teerã duas vezes, em 2006 e 2008, para se encontrar com Khamenei e Ahmadinejad (Rubin 2008, 6).

Durante este encontro, ele afirmou que seria mais fácil preparar o terreno contra as grandes potências, um objetivo comum, através da criação de unidade entre outros países islâmicos, como Senegal e Irã. Ao enfatizar que o Senegal vê o Irã como um país exemplar, ele facilitou o desejo iraniano de fortalecer sua posição no Senegal com base na religião. Isso porque, embora o Senegal seja um país 90% muçulmano, os sunitas, liderados por líderes sufistas, predominam no país.

Em geral, embora a vertente sunita seja predominante no Senegal (Leichtman 2009, 325), a presença do xiismo no país remonta à antiguidade. Sua institucionalização, porém, depende do Instituto Islâmico, fundado em Dakar (Séne 2016, 45), capital do Senegal, em 1978, com o apoio da diáspora libanesa. Esse instituto permitiu a maior disseminação do islamismo xiita no Senegal e, graças às suas atividades, mesquitas e madraças foram construídas em todo o país, promovendo a adoção do xiismo e criando um ambiente propício para que as populações sunita e xiita compartilhassem o mesmo espaço e se desenvolvessem religiosamente. Embora todos esses sejam desenvolvimentos positivos no aumento da presença do Irã no Senegal por meio do uso do método religioso, as relações entre esses dois países foram interrompidas em 2011. O principal motivo foi o evento ocorrido em 2010. Mesmo com a assinatura de um acordo de paz em Dakar, em 2004, entre o governo senegalês e a Operação Forças Democráticas de Casamance, criada em 1982 para lutar contra o governo pela independência (Foucher 2018, 265), essa força continuou suas atividades separatistas e, em 2010, um incidente sangrento resultou na morte de soldados senegaleses.

Após esse incidente, o governo senegalês alegou ter recolhido armas iranianas utilizadas pelos membros da Operação Casamance e decidiu romper relações com o Irã em 2011 (Al Jazeera, 2011). Contudo, embora o Senegal seja um país com uma população de 15.500.000 habitantes, é o primeiro dos cinco países que exercem influência sobre a política islâmica do Irã na África e onde a população civil apresenta a visão mais positiva do Irã entre os países africanos. Por essa razão, era importante para o Irã restabelecer as relações, mesmo após o rompimento. Com base nisso, durante a 12th Cúpula Islâmica realizada no Cairo em 2013, sob o tema “Mundo Muçulmano: Novos Desafios e Oportunidades em Expansão” (OIC/SUM 2013), o Irã manifestou o desejo de restabelecer suas relações com o Senegal. Ao mesmo tempo, o presidente senegalês, Macky Sall, que se posicionou a favor do restabelecimento das relações bilaterais, procurou não repetir os erros de seus antecessores durante

esse processo e buscou atrair a atenção para que o Irã investisse novamente no Senegal.

Apesar de todos os problemas ocorridos entre os dois países, o Irã não desistiu do Senegal e deseja converter a maior parte da população sunita ao xiismo. Isso se deve à existência de organizações sunitas voltadas contra o xiismo, como o *Hizb al-Tarqiyya* (Diouf e Leichtman 2009, p. 243), o *Mustarshidin* (Diouf e Leichtman 2009, p. 13) e o *Jamaat Ibadu Rahman* no Senegal. O fato de essas organizações continuarem suas atividades discriminatórias contra o xiismo, cooptando a população sunita, impede o Irã de utilizar o xiismo como estratégia de expansão. Isso pode representar uma grande ameaça para o Irã no futuro. Portanto, o Irã tem demonstrado interesse em desenvolver relações de alto nível com o governo senegalês. Assim, ao receber as credenciais do novo embaixador senegalês em Teerã, o ex-presidente iraniano Hassan Rouhani enfatizou sua disposição em desenvolver as relações entre os dois países e defendeu a cooperação nas áreas científica, cultural, tecnológica e acadêmica, bem como no campo das ciências islâmicas. Durante o encontro, Rouhani descreveu o Senegal como uma “porta de entrada” para os laços do Irã com a África, o que foi interpretado como um sinal verde para o desenvolvimento das relações bilaterais (Irangov.ir, 2021).

Posteriormente, o vice-ministro das Relações Exteriores do Irã, Ali Bagheri, que se encontra em Dakar, capital do Senegal, para discutir questões de interesse do mundo muçulmano em função da questão de Gaza, reuniu-se com o presidente da Assembleia Nacional do país em 2023. “A tentativa de organizar a reunião regular do Fórum Africano de Paz e Segurança demonstra os esforços do Senegal para restabelecer a identidade africana e fortalecer a independência de todos os países africanos”, afirmou o vice-ministro iraniano, destacando os laços profundos entre os dois países e a capacidade do Irã em diversas áreas, e expressando o desejo de que as relações parlamentares entre as duas partes continuem (Mfa.ir 2023). Bagheri também enfatizou a necessidade de desenvolver a cooperação entre os parlamentos de outros países muçulmanos, o que também poderia ser útil para deter as ações desumanas do regime sionista em Gaza (Mfa.ir 2023).

Gana

Após a Revolução Islâmica, um dos países que o Irã desejava alcançar com a expansão da propaganda islâmica era Gana, outro país do Norte da África. Gana possui uma população de quase 20 milhões de habitantes, dos quais 17,6% são muçulmanos; entre eles, predomina a vertente sunita,

embora também haja presença de xiitas no norte do país (Index Mundi, 2021). Além disso, cristãos e pessoas de outras religiões também vivem lá. Por esse motivo, trata-se de um país democrático, com sistema presidencialista, onde convivem pessoas de diferentes religiões. Nesse contexto, é comum celebrar festividades de diversas religiões em Gana. Além de festas religiosas como o Natal, o *Boxing Day* e a Páscoa, duas novas datas comemorativas passaram a ser celebradas desde 1995 sob os auspícios do Xeiقة nacional Osman Nuhu Sharubutu: o Eid al-Adha e o Eid al-Fitr. Esses dois novos feriados foram reconhecidos como dias oficiais, assim como outras festividades (Prempeh 2015). Como se pode depreender do que foi dito acima, o Islã é uma das religiões mais comuns neste país, e as divisões sectárias também existem aqui. Paralelamente a isso, surge a seguinte questão: por que ocorreu a expansão do xiismo em Gana, que tem uma população xiita de quase um milhão de pessoas?

Sem dúvida, a Revolução Islâmica de 1979, assim como ocorreu em outros países africanos, e a migração de xiitas libaneses para Gana na década de 1980 desempenharam um papel fundamental nesse processo. Destaca-se, nesse contexto, a atuação dos xiitas libaneses, que, além de desenvolverem suas próprias atividades comerciais, fundaram uma escola xiita e iniciaram a expansão do xiismo por todo o território ganês (Shia Africa 2025). Esse aspecto não passou despercebido pelo Irã, levando o país a apoiá-los desde o final do século XX. Nessa linha de atuação, o Irã buscou inicialmente conquistar o apoio de forças locais e recorreu a diversas estratégias, incluindo iniciativas educacionais, sociais, humanitárias e midiáticas, bem como projetos específicos, para promover o xiismo como a ideologia dominante em Gana.

No âmbito das atividades educacionais, o principal objetivo do Irã tem sido institucionalizar a propaganda xiita em Gana. Para isso, a Fundação Ahl al-Bait foi inicialmente estabelecida no país. O objetivo primordial dessa fundação era a criação da Universidade Islâmica de Gana, que funcionou como uma continuidade do *Institute of Islamic Literature*, instituição que iniciara suas atividades em 1986 com 15 alunos matriculados no curso de Teologia Islâmica (Mohammed 2017, 11). O processo de transformação desse instituto em universidade teve início no ano 2000 e, após a conclusão de todos os trâmites de credenciamento em 2001, a instituição consolidou-se como uma universidade de pleno direito. O lema da universidade é “conhecimento, crença e serviço”; enquanto em 2000 a instituição contava com 35 alunos, esse número saltou para 1.800 em 2011. A maioria dos estudantes é composta por muçulmanos sunitas. Paralelamente, foi estabelecida em Gana uma escola particular denominada *Lady Fatima Girls*, financiada pela universidade e reconhecida pelo Serviço de Educação de Gana. A principal

missão dessa escola é capacitar meninas, muçulmanas ou não, para que se tornem profissionais com elevado nível de instrução, além de proporcionar oportunidades de desenvolvimento acadêmico e profissional para mulheres carentes de comunidades rurais (School and College Listing 2025).

A segunda fundação estabelecida pelo Irã em Gana no campo da educação é a Fundação Imam Hussein. Essa fundação foi criada por iniciativa da Embaixada do Irã e de ganeses xiitas, durante seminários internacionais realizados pela União Islâmica na Mesquita Central de Kumasi entre 1988 e 1989 (Bompani e Frahm-Arp 2010, 114). Na mesma época, foi criada a Fundação Al-Kawthar; ambas atuam na realização de atividades educacionais e de mídia do Irã em Gana. Graças à contribuição delas, são publicadas em inglês as revistas *Al-Kawthare* e *Pen*. Além disso, as atividades de mídia dos xiitas incluem programas transmitidos pelo canal NET 2 todas as sextas-feiras, bem como a criação de sites. Dois centros de treinamento em costura, financiados diretamente pela Embaixada do Irã no âmbito de ações de assistência social e humanitária, operam em Kokoda e Temali, enquanto postos de atendimento médico funcionam em Kwami, Mamobi e outras localidades.

No âmbito dos projetos propostos, as relações entre Irã e Gana devem ser analisadas à luz dos acontecimentos recentes, uma vez que o objetivo principal das novas iniciativas dos últimos anos é ampliar a difusão do xiismo por toda Gana. Nesse contexto, reuniões e acordos bilaterais adquiriram grande importância. Paralelamente, um memorando de entendimento abrangendo as áreas de agricultura, turismo, esportes e educação foi assinado entre o Irã e Gana em 2013 (Modern Ghana, 2013). Naquela ocasião, foram propostos novos arranjos no campo da educação, incluindo a ideia de abrir um departamento de língua persa na Universidade de Gana.

Paralelamente, o embaixador do Irã em Gana, Nosratollah Maleki, proferiu um discurso para a equipe do *Daily Graphic* em 2017. Ele abordou as atividades do Irã no país e destacou a qualidade do serviço prestado no âmbito de projetos de assistência social e humanitária. Ao ressaltar as vantagens da clínica de saúde iraniana local, ele enfatizou que as relações econômicas e políticas entre os dois países se baseiam em vínculos profundos (Graphic Online 2017). Tais iniciativas prosseguiram em nível de representantes de alto escalão; o então Ministro das Relações Exteriores do Irã, Hossein Amir Abdollahian, expressou o desejo de aprofundar as relações cordiais com Gana em todas as áreas de interesse mútuo. A 7th reunião da Comissão Mista de Cooperação foi realizada em Teerã, em 2022, com a presença do ministro ganês de Cultura, Artes e Turismo, Mohammad Awal Ibrahim. Amir Abdollahian afirmou que o encontro revelou a abordagem pragmática do Irã quanto ao desenvolvimento das relações e indicou que uma delegação

deveria ser enviada a Gana para traçar um roteiro para as relações entre os dois países (Tehran Times 2022). Com a aceleração desses acontecimentos, as relações bilaterais ganharam impulso, culminando, inclusive, na celebração do 45º aniversário da Revolução Islâmica do Irã na embaixada em Acra, em 2024 (Iran Press 2024). Todos esses fatos foram vistos como indicadores de que a situação atual entre o Irã e Gana evoluiu para uma direção positiva e construtiva.

Conclusão

Este estudo demonstrou que o engajamento do Irã com a África, particularmente após a Revolução Islâmica, não é meramente um reflexo de afinidade cultural ou preocupação humanitária, mas sim uma estratégia de *soft power* deliberada e ideologicamente motivada. Ao instrumentalizar o xiismo como ferramenta de diplomacia religiosa, o Irã busca construir uma solidariedade anti-imperialista, contrabalancear rivais ocidentais e regionais como os Estados Unidos, Israel e Arábia Saudita, e estabelecer influência política de longo prazo no continente. Nesse sentido, o Irã pretende consolidar sua presença em diferentes partes do continente africano. Ao buscar implementar sua estratégia de expansão, especialmente em regiões da África de maioria sunita, o Irã planeja abrir caminho para a disseminação do xiismo nessas áreas. Isso é percebido como a maior ameaça à proteção dos estados sunitas que a Arábia Saudita planeja criar contra o Irã.

Consequentemente, o país apoia muitos grupos de oposição em África e tenta atraí-los para o seu lado. Como detalhado nas outras seções, o exemplo mais óbvio disso é o incidente na Nigéria. O Partido do Movimento Islâmico da Nigéria, que defende a islamização da vida pública, tem recebido apoio do Irã e sido responsável pela disseminação de uma retórica jihadista, especialmente no norte do país. Por outro lado, sob o pretexto de atividades religiosas e educacionais, o Irã também busca fortalecer sua influência em alguns países africanos no que diz respeito ao Islã. O Senegal tem sido o exemplo mais concreto dessa estratégia. Há duas razões principais para a escolha desse país: a primeira é que as relações instáveis entre as duas nações foram seriamente prejudicadas após a operação em Casamance; a segunda é que a maioria da população senegalesa é composta por muçulmanos sunitas. O Instituto Islâmico desempenhou um papel importante nesse contexto, e suas atividades levaram à construção de mesquitas e madraças por todo o país, servindo para promover a adoção do xiismo. O objetivo principal era criar um ambiente onde as populações sunita e xiita pudessem ser assimiladas religiosamente ao conviverem no mesmo espaço. Paralelamente, Gana foi

outro país africano onde o Irã tentou institucionalizar o xiismo por meio de propaganda educacional. Especialmente em Gana — país conhecido por ter uma população xiita reduzida e por necessitar de apoio —, o Irã buscou criar oportunidades para institucionalizar o ensino de base religiosa, auxiliando na abertura de escolas que oferecem educação primária, secundária e superior. Conclui-se, assim, que as atividades educacionais iniciadas pelo Irã em Gana servem à propaganda islâmica sob a ótica do xiismo.

Contudo, a abordagem baseada no xiismo, utilizada pelo Irã como eixo dessa estratégia de expansão, gera efeitos sociais, políticos e religiosos. Embora o Irã pretenda tirar proveito de todos esses efeitos, a estratégia pode acarretar consequências capazes de afetar outros Estados no cenário internacional e até mesmo levá-los à beira de uma guerra. Afinal, como se sabe, o xiismo e o sunismo são duas vertentes do Islã e baseiam-se, em geral, em valores islâmicos; contudo, existem questões que não são mutuamente aceitas por seus respectivos seguidores. Isso se manifesta no surgimento de reações e efeitos adversos nas esferas social, política e religiosa. Em termos sociais, a promoção do xiismo não apenas divide os muçulmanos, mas também leva grandes potências a discriminá-los. Politicamente, por utilizar a religião como ferramenta política, a estratégia é vista por outros Estados como uma interferência em seus assuntos internos. Do ponto de vista religioso, os valores islâmicos podem acabar sendo relegados a segundo plano, e o Islã pode sofrer interpretações equivocadas ao redor do mundo. Por essa razão, o Irã deveria deixar de utilizar uma abordagem provocativa tal qual a religião como ferramenta política legítima na implementação de sua estratégia de expansão na África para concretizar seus interesses de política externa.

Referências

- Abdullah, M. S. 2016. “Iranian presence in Africa: Motives and objectives”. *Rasanah*, 5 de outubro. <https://rasanah-iiis.org/english/centre-for-researches-and-studies/iranian-presence-in-africa-motives-and-objectives/>.
- African Natural Resources Center. 2016. Catalyzing growth and development through effective natural resources management. https://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/anrc/AfDB_ANRC_BROCHURE_en.pdf.
- African Studies Centre Leiden. 2016. Islam in Nigeria. <http://www.ascleiden.nl/content/webdossiers/islam-nigeria>.

- AhlulBeyt News Agency. 2016. "Iranian cultural center, Nigerian TV to hold Quran competition". *AhlulBeyt News Agency*, 29 de agosto. <http://en.abna24.com/service/africa/archive/2016/08/29/775339/story.html>.
- Aljazeera. 2011. "Senegal severs ties with Iran". *Aljazeera*, 23 de fevereiro. <https://www.aljazeera.com/news/2011/2/23/senegal-severs-ties-with-iran>.
- AlSaied, N. 2021. "Sectarianism and ideology: The cases of Iran and Saudi Arabia". *MEI@75*, 27 de agosto. <https://www.mei.edu/publications/sectarianism-and-ideology-cases-iran-and-saudi-arabia>.
- Arghavani Pirsalami, F. 2013. "Third Wordism and Ahmadinejad's Foreign Policy". *Iranian Review of Foreign Affairs* 4 (2): 81-109.
- Asgar Khani, A. M., and F. Arghavani Pirsalami. 2011. "Siyasat-e ta'amol-e sazandeh va elzam-e tose'e-ye ravabet-e eqtesadi-ye Iran va Afrika [Constructive interaction policy and the necessity of developing Iran-Africa economic relations]". *Ravabet-e Khareji (Foreign Relations Journal)* 10: 133-160.
- Awad, Z. 2019. "Iran in Deir ez-Zor: Strategy, Expansion, and Opportunities". *The European University Institute Research Project Report* 13.
- Bazoobandi, S. e H. Talebian. 2023. "The Evolvment of Iran-Israel's Rivalry in the Red Sea and Eastern Africa". *Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies* 17 (4): 341-355.
- Bompani, B. and M. Frahm-Arp. 2010. *Development and Politics from below: Exploring Religious Spaces in the African State*. Palgrave Macmillan.
- Bouvier, E. 2024. "La présence croissante de l'Iran en Afrique". *Les clés du Moyen-Orient*, 26 de junho. <https://www.lesclesdumoyenorient.com/La-presence-croissante-de-l-Iran-en-Afrique.html#nb33>.
- Calabrese, J. 2020. "The Bab el-Mandeb Strait: Regional and great power rivalries on the shores of the Red Sea". *M@75*, 29 de janeiro. <https://www.mei.edu/publications/bab-el-mandeb-strait-regional-and-great-power-rivalries-shores-red-sea>.
- Camara, J. B. 2021. "La Religion, Nouvel Outil du Néocolonialisme en Afrique?". *Recherches Internationales* 121: 163-183.
- Chimarizeni, F. 2017. "Iran-Africa Relations: Opportunities and Prospects for Iran". *Brazilian Journal of African Studies* 2 (3): 38-52.
- Clawson, P., ed. 1994. *Iran's Strategic Intentions and Capabilities*. McNair Paper Institute for National Strategic Studies National Defense University.
- Daressalam. 2024. "Piam man bah jacpehan jadid". Daressalam,

- 12 de julho. <https://daressalam.mfa.ir/files/tanzania/newsattachment/2024071511064916645782631.pdf>.
- Demir, H. 2018. "How Iran is Investing in Shi'ism in the Name of Soft Power". *Politics Today*, 6 de dezembro. <https://politicstoday.org/how-iran-is-investing-in-shiism-in-the-name-of-soft-power/>.
- Diouf, M. e M.A. Leichtman. 2009. *New Perspectives on Islam in Senegal: Conversion, Migration, Wealth, Power, and Femininity*. Palgrave Macmillan. 2009.
- Elijah, N. M. Et al. 2021. "The Shia Sect Question and the Prospect of Nigeria-Iran Bilateral Relations". *The International Journal of Interdisciplinary Civic and Political Studies* 16 (2): 1-20.
- Etemad Online. 2025. Aref: Afrigha dar naghsh-e rahbordi-ye Iran jaygah-e vizheh darad [Africa has a special place in Iran's strategic roadmap]. <https://www.etemadonline.com/>.
- Fakude, T. 2016. "The Impact of the South Africa-Iran Relations on the African Union". *Report of Aljazeera Center for Studies*:1-8.
- Foucher, V. 2018. "The Mouvement des Forces Démocratiques de Casamance: The Illusion of Separatism in Senegal?". In *Secessionism in African Politics: Aspiration, Grievance, Performance, Disenchantment*, organizado por L. de Vries et al. Palgrave Macmillan Chem.
- Graphic Online. 2017. "Iran to deepen diplomatic relations with Ghana-Dr. Maleki". *Graphic Online*, 28 de janeiro. <https://www.graphic.com.gh/news/general-news/iran-to-deepen-diplomatic-relations-with-ghana-dr-maleki.html>.
- Index Mundi. 2021. "Ghana religions". *Index Mundi*, 18 de setembro. <https://www.indexmundi.com/ghana/religions.html>.
- Iran Press. 2024. "Iran embassy in Ghana celebrates victory anniv. of Islamic Revolution". *Iran Press*, 10 de fevereiro. <https://iranpress.com/iran-embassy-in-ghana-celebrates>.
- Irangov.ir. 2021. "Senegal can serve as 'Gateway' for Iran's ties with Africa: President". *Irangov.ir*, 24 de fevereiro. <https://irangov.ir/detail/358997>.
- ISNA. 2017. "Deepening ties with African countries a key principle in Iran's foreign policy". *Iranian Student News Agency*, 10 de outubro. <http://en.isna.ir/news/96071910703/Deepening-ties-with-African-countries-a-key-principle-in-Iran-s>.
- Karami, S. 2024. "Kārkard-e Amniyat-e Hūšmand dar Tasvīrsāzī-ye Zehnī-ye Gardeshgarān-e Āfrīqāyī az Īrān". *Do-Faslnameh-ye Elmi-Takhassosi-ye*

- Ravabet-e Asia-Africa, (Journal of Asia–Africa Relations)*, 1(1). https://aar.modares.ac.ir/article_6102_7bec7e63a493e2d61891b1e4051ef75a.pdf
- Karaoğlu, O. 2023. “Dini Diplomasi ve Şiileştirme Bağlamında İran’ın Afrika’daki Faaliyetleri: Fas, Tunus, Cezayir Örneği”. *Türkiye Ortadoğu Çalışmaları Dergisi* 9 (2): 135-166.
- Karr et al. 2024. “Africa file: Iran pursues economic and military influence”. *Institute for the Study of War*, 2 de maio. <https://www.understandingwar.org/backgrounder/africa-file-may-2-2024-iran-pursues-economic-and-military-influence>.
- Kaya, S. e Şartepe, Z. 2016. “Contentious Politics in Iran: Factions, Foreign Policy and the Nuclear Deal”. *Alternatives: Turkish Journal of International Relations* 14(3): 1-12.
- Keynoush, B. 2021. *Revolutionary Iran’s Africa policy*. Special Report.
- Kohnert, D. 2024. “Expanding horizons: Iran’s strategic engagements in Sub-Saharan Africa-insights from South Africa, Nigeria, and Tanzania”. *Ssrn.com*, 6 de agosto. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4917860.
- Lefebvre, J. A. 2019. “Iran’s Scramble for Sub-Saharan Africa”. *Insight Turkey* 21 (1): 133-150.
- Leichtman, M. A. 2009. “Revolution, Modernity and (Trans) National Shii Islam: Rethinking Religious Conversion in Senegal”. *Journal of Religion in Africa* 39 (3): 319-351.
- Lewis, P. M. 2020. “Islam, Protest, and Conflict in Nigeria”. *Africa Notes* 10: 1-10.
- Lob, E. 2016. “The Islamic Republic of Iran’s Foreign Policy and Construction Jihad’s Developmental Activities in Sub-Saharan Africa. *International Journal of Middle East Studies* 48 (2): 313-338.
- Lob, E. e H. Yilmazkuday. 2025. “A Political Economy Analysis of Changes and Continuities in Iran–Africa Trade Relations: A Case of South–South Dependency?”. *Review of Social Economy* 83 (1): 106-143.
- Maosim.ru. 2018. “K voprosu o razlichii trokh mirov”. *Maosim.ru*, 24 de junho. <http://maoism.ru/7912>.
- Mari, N. 2017. “Iran in the Face of the International Scramble for Africa”. *Journal for Iranian Studies* 2: 56-69.
- McAnenny, A. 2014. “A tutorial overview of Iran’s strategic influence in Africa”. *Center for Security Policy*. <http://www.centerforsecuritypolicy.org/wp-content/uploads/2015/01/Iran-in-Africa.pdf>.

- Mehr News Agency. "TV channel for Africa". *Mehr News Agency*, 3 de outubro. <https://en.mehrnews.com/news/128290/Iran-to-launch-1st-TV-channel-for-Africa>.
- Mfa.ir. 2023. "Iranian deputy FM meets Senegal parliament speaker on Gaza elevation of ties". *Mfa.ir*, 19 de novembro. <https://en.mfa.ir/portal/newsview/735050/Iranian-deputy-FM-meets-Senegal-parliament-speaker-on-Gaza-elevation-of-ties>.
- Middle East Monitor. 2016. "Iran's foreign minister begins West Africa tour". *Middle East Monitor*, 25 de julho. <https://www.middleeastmonitor.com/20160725-irans-foreign-minister-begins-west-africa-tour/>.
- Ministry of Education. 2016. "Iran offers Persian language courses in Senegal". *Ministry of Education*, 18 de junho. <http://en.oerp.ir/content/iran-offers-persian-language-courses-senegal>.
- Modern Ghana. 2013. "Ghana, Iran to deepen ties in education, agriculture, tourism, sports". *Modern Ghana*, 18 de abril. <https://www.modernghana.com/news/459171/1/ghana-iran-to-deepen-ties-in-education-agric-touri.html>.
- Mohammed, U. A. 2017. "Review of Economic Relations between Iran and Ghana". *ÍRAM*: 4-13.
- Movahed, M. 2025. "The future position of Africa in the global economy and Iran–Africa relations in the new era". *Ipis.ir*, 9 de março. <https://www.ipis.ir/en/subjectview/764212>.
- Muhammed, Ms.s e M.M. Abdullahi. 2019. "The Spread of Shia and Its Activities in Nigeria". *Journal of Islamic Studies and Humanities* 4 (1): 28-41.
- Naeni, A. 2021. "Iran and Africa: Why Tehran will boost its ties with the continent under the Raisi administration". *Middle East Institute*, 11 de agosto. <https://www.mei.edu/publications/iran-and-africa-why-tehran-will-boost-its-ties-continent-under-raisi-administration>.
- Naeni, A. 2023. "Iran's renewed Africa policy: Raisi's ambition and the perception of western decline". *Mei.edu*, 31 de julho. <https://www.mei.edu/publications/irans-renewed-africa-policy-raisis-ambition-and-perception-western-decline>.
- Njoku, T. C.M. 1995. "Christians and Muslims in Nigeria". *Vincentiana* 39 (3).
- OIC/SUM. 2013. "Islamic Summit Conference, Cairo final communiqué of the twelfth session of the Islamic summit conference". *OIC/SUM*, fevereiro. <https://www.oic-oci.org/docdown/?docID=19&refID=7>.
- Onapajo, H. 2017. "State Repression and Religious Conflict: The Perils of

- the State Clampdown on the Shi'a Minority in Nigeria". *Journal of Muslim Minority Affairs* 37 (1): 80–93.
- Onderco, M. 2016. "A Battle of Principles: South Africa's Relations with Iran". *Commonwealth & Comparative Politics* 54 (2): 252-267.
- Prempeh, C. 2015. "Secularism, Islam and Ghana: The views of a student of religions". *Modern Ghana*, 14 de março. <https://www.modernghana.com/news/604631/secularism-islam-and-ghana-the-views-of-a-student-of-relig.html>.
- Rigiderakhshan, M. 2022. "İran'ın Afrika Ülkeleri ile İlişkileri: Dinî, Kültürel ve Eğitim Faaliyetleri (Pehlevi Döneminden İran İslam Cumhuriyeti'ne)". *UluslararasıAfrika Araştırmaları Dergisi* 2 (2): 39-50.
- Rodney, W. 2011. *How Europe Underdeveloped Africa*. Black Classic Press.
- Rubin, M. 2008. "Iran's global ambition. chritical threats". *Critical Threats*, 1 de março. <https://www.criticalthreats.org/analysis/irans-global-ambition>.
- Sadeghi, S. M. M. e R. Hajimineh. 2019. "The Role of Iran's "Soft Power" in Confronting Iranophobia". *MGIMO Review of International Relations* 12 (4): 216-238.
- School and College Listing. 2025. Lady Fatimah girls senior high school. <https://www.schoolandcollegelistings.com/GH/Accra/583234981829281/Lady-Fatimah-Girls-Senior-High-School>.
- Schoonover, B. B. 2013. "A glimpse at Nigeria's ongoing Islamic terrorist challenges". *American Diplomacy*, outubro. <https://americandiplomacy.web.unc.edu/2013/10/a-glimpse-at-nigerias-ongoing-islamic-terrorist-challenges/>.
- Şeker, C. T. 2017. "İran'ın Afrika Politikası ve Karşılaşılan Zorluklar: Ahmedinejad Dönemi, 2005–2013". *İran Çalışmaları Dergisi* 1 (1): 84-116.
- Séne, M. F. 2016. "Education for Girls and (Re)Configured Gender Relations. Arab-Islamic Education in Senegal". *Afrique Contemporaine* 257 (1): 41-55.
- Shahvar, S. 2020. "Iran's Global Reach: The Islamic Republic of Iran's Policy, Involvement, and Activity in Africa". *Digest of Middle East Studies* 29 (1): 53-75.
- Shia Africa. 2025. Shia Muslims in Ghana. <http://shiafrica-en.blogfa.com/post/33>.
- Slavin, B. 2024. "Aghaz-e talash-ha baraye taghir-e negah-ha: Pezeshkian, ra'is

- jomhour ke donbal-e diplomasi-ye jadid ba Gharb ast [The beginning of efforts to change perspectives: Pezeshkian, the president seeking a new diplomacy with the West]. *Irdiplomacy*, October 6. <http://www.irdiplomacy.ir/fa/news/2028491>.
- Sofjan, D. 2023. "Contending Discourses on Human Rights and Dignity in the Post-World War II Era". *The Review of Faith & International Affairs* 21 (4): 96-106.
- Soonest, N. 2019. "El-Zakzaky: Politics, religion and the persecution of shiites in Nigeria". *The Elephant*, 21 de março. <https://www.theelephant.info/analysis/2019/03/21/el-zakzaky-politics-religion-and-the-persecution-of-shiites-in-nigeria/>.
- Stratfor.com. 2012. "Eastern Africa: A battleground for Israel and Iran". *Stratfor.com*, 29 de outubro. <https://worldview.stratfor.com/article/eastern-africa-battleground-israel-and-iran>.
- Szrom, C. 2010. "Ahmadinejad in West Africa". *Aei.org*, 3 de agosto. <https://www.aei.org/articles/ahmadinejad-in-west-africa/>.
- Tasnimnews. 2017. "Iran ready to help Tanzania in the energy industry". *Tasnimnews*, 28 de outubro. <https://www.tasnimnews.com/en/news/2017/10/28/1558208/iran-ready-to-help-tanzania-in-energy-industry>.
- Tehran Times. 2022. "Iran, Ghana ready to deepen cooperation in copious areas". *Tehran Times*, 18 de agosto. <https://www.tehrantimes.com/news/472758/Iran-Ghana-ready-to-deepen-cooperation-in-copious-areas>.
- Thurston, A. 2017. "Shiism and anti-shiism in Nigeria". *The Maydan*, 15 de maio. <https://www.themaydan.com/2017/05/shiism-anti-shiism-nigeria/>.
- Warner, J. 2011. "Iran's troubled foray into Africa". *Global Public Square*, 12 de outubro. <http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2011/10/12/irans-troubled-foray-into-africa/>.
- Yaymout, K. 2016. "Shiism: Iranian cover for community division in West Africa". *Asharq Al Awsat*, 15 de novembro. <https://eng-archive.aawsat.com/khalid-yaymout/features/shiism-iranian-cover-community-division-west-africa>.

RESUMO

O estudo visa analisar a estratégia de aproximação do Irã, que busca se manter confinada às suas próprias fronteiras, por meio das ferramentas convencionais que considera eficazes, e, em especial, verificar a problemática da influência do islamismo político na região em questão. Nesse contexto, analisa a política iraniana para a África sob a ótica da teoria do subdesenvolvimento e do Terceiro Mundo, combinando perspectivas históricas, religiosas, econômicas e estratégicas, utilizando o método de estudo de caso e focando em Senegal, Nigéria e Gana. As principais conclusões do artigo apontam que a África, embora descolonizada, ainda é frágil e vulnerável a intervenções; assim como em outras regiões, a religião é um ponto de vulnerabilidade das populações locais, e o Irã é um dos Estados que buscam preencher o vácuo regional no atual cenário geopolítico. O Irã investe particularmente em políticas educacionais e linguísticas na esfera cultural, enquanto, no âmbito religioso, procura estabelecer uma esfera de influência ideológica ao promover o discurso do “Eixo de Resistência” por meio da vertente xiita. Essa estratégia é empregada não apenas em nível regional, mas também em escala global, visando legitimar sua retórica antiocidental e mitigar os efeitos das sanções internacionais. Considerando a escassez de estudos anteriores que se concentrem especificamente nesses três países sob a ótica da teoria e da metodologia aqui empregadas, acredita-se que este artigo preencherá uma lacuna na literatura, permitindo obter informações mais objetivas mediante o uso de fontes em diferentes idiomas.

PALAVRAS-CHAVE

Geopolítica; Terceiro Mundo; Soft Power; Estratégia de expansão.

*Recebido em 17 de maio de 2025
Aprovado em 21 de junho de 2026*

Traduzido por Felipe Werner Samuel